



Panorama Agro

02/03/2026

Índice

- 1. Insumos**
- 2. Arroz**
- 3. Soja**
- 4. Milho**
- 5. Trigo**
- 6. Café**
- 7. Boi Gordo**
- 8. Suíno e Frango**

Material elaborado pela Gerência de Análise Econômica do Sicredi:

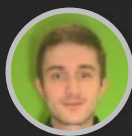


Filipe Kalikoski

Especialista de Análise Econômica

Commodities Agrícolas

filipe_coelho@sicredi.com.br



Artur Ongaratto

Analista Econômico

Estatística, safras e clima

artur_ongaratto@sicredi.com.br



André Nunes

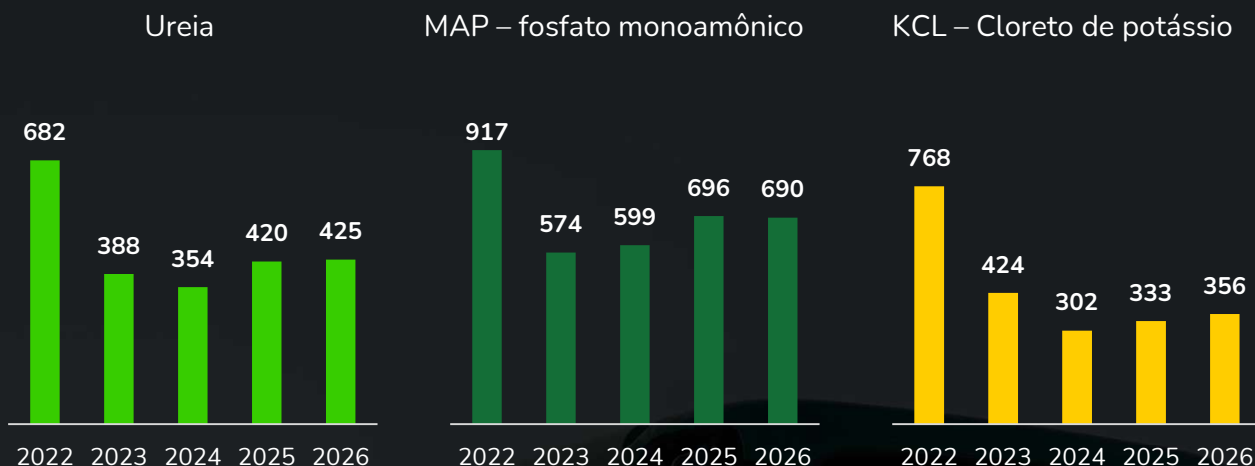
Economista-chefe

Economia e Agro

andre_nunes@sicredi.com.br

1. Insumos

Preço de fertilizantes no Brasil – referência CFR (US\$/tonelada)



Mercado no curto prazo

Os custos de produção e logística do agronegócio brasileiro devem ser pressionados no curto prazo pela escalada do conflito entre EUA e Irã, com o fechamento do Estreito de Ormuz, alta do petróleo e valorização do dólar, trazendo altas e volatilidade aos insumos. Espera-se que ocorra um aumento nos fretes marítimos, encarecimento de combustíveis e elevação dos preços de fertilizantes, principalmente os nitrogenados, já que o Irã é fornecedor relevante de ureia e também origem do gás natural utilizado por produtores de nitrogenados em países que abastecem o Brasil. Embora não haja risco imediato para os embarques de grãos e proteínas, o setor deve enfrentar custos maiores nas próximas semanas, com impactos particularmente relevantes em insumos estratégicos como os fertilizantes.

Mercado no longo prazo

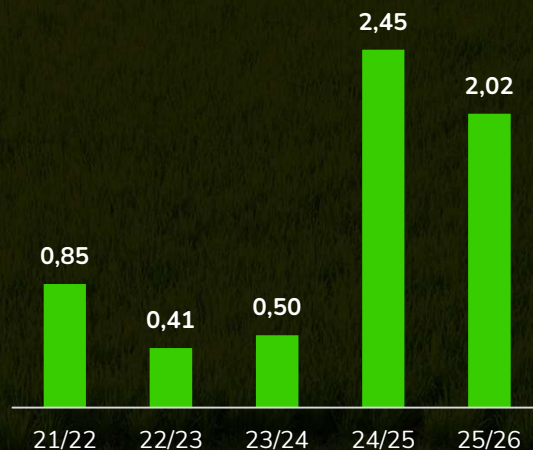
No horizonte de longo prazo, o mercado de insumos tende a operar em um ambiente de maior estabilidade relativa nos preços internacionais, com viés de acomodação ou leve recuo em dólar conforme petróleo, gás natural e commodities agrícolas se normalizam em patamares mais baixos ao longo de 2026, enquanto o câmbio seguirá como fonte central de volatilidade nos custos domésticos. Até lá, o mercado global de fertilizantes atravessará algumas turbulências: restrições persistentes de oferta, reposicionamento estratégico de grandes players, políticas de exportação mais rígidas na China e elevação do custo de matérias-primas como enxofre podem manter mercados de nitrogenados, fosfatados e potássicos relativamente ajustados, mesmo em períodos de demanda mais fraca.

2. Arroz

Preço do arroz no Rio Grande do Sul
(R\$/saca 50 kg)



Estoques finais de arroz no Brasil
(milhões de toneladas)



Mercado no curto prazo

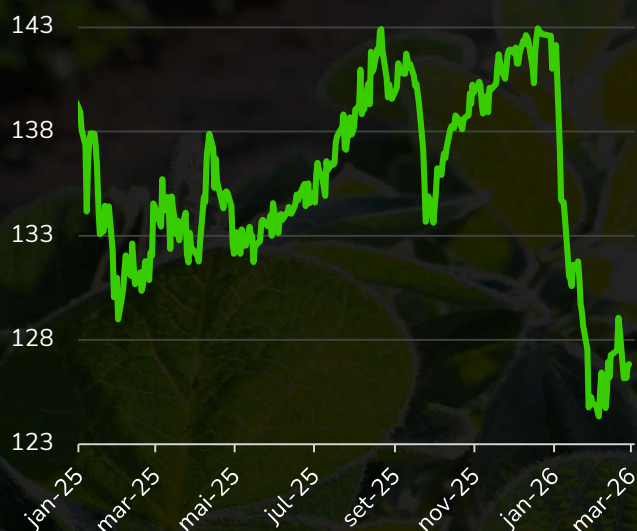
O arroz segue sem espaço para valorização no curto prazo, porque a entrada da colheita 2025/26 (Brasil e demais origens do Mercosul) coincide com um quadro de oferta interna ainda muito folgada, após a safra 2024/25 ter deixado estoques finais no maior nível em anos (2,45 milhões de toneladas) e pressionado a formação de preços. Nesse ambiente, a rentabilidade do produtor permanece comprimida: as cotações domésticas chegaram a registrar queda superior a 40% na comparação anual, com o mercado reagindo apenas pontualmente, enquanto a abundância de produto limita movimentos de alta.

Mercado no longo prazo

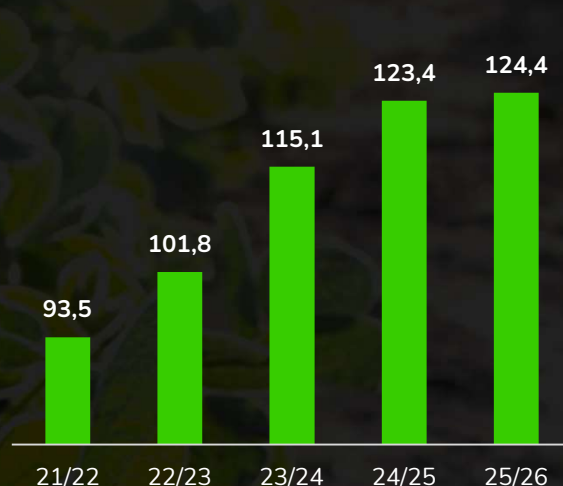
Para 2026, o viés é de maior estabilidade em relação à forte correção observada em 2025, mas ainda sem gatilhos para altas expressivas, dado que o mercado internacional permanece mais competitivo com a volta agressiva da Índia às exportações, que redefiniu referências globais de preço e tende a manter o teto das cotações no comércio. Do lado doméstico, a tendência é de um leve ajuste do balanço: recuo de área e produção em 2025/26 (1,62 milhão de hectares plantados e safra menor), o que deve promover redução gradual dos estoques e, com isso, suavizar a pressão baixista, embora o nível de oferta ainda seja suficiente para conter repiques mais fortes. Além disso, a competitividade externa do arroz brasileiro segue desafiada pelo arroz asiático mais barato, o que ajuda a explicar a dinâmica recente de volume exportado maior com receita menor, reforçando um cenário estrutural de preços mais “comportados” à frente.

3. Soja

Preço da soja no porto de Paranaguá/PR (R\$/saca)



Estoques finais de soja no mundo (milhões de toneladas)



Mercado no curto prazo

No curto prazo, o viés para o preço da soja no Brasil ainda é o de pressão de baixa da atual colheita, que deve se estender até meados de abril, puxado principalmente pela entrada de uma safra brasileira recorde (178 milhões de toneladas) e por um câmbio que cedeu de R\$ 5,60/US\$ para 5,18 desde dezembro do ano passado. Em Chicago, os preços subiram significativamente nos últimos meses após anúncio de Trump de que a China compraria mais soja americana, fazendo os preços médios da curva de futuros na bolsa saírem de US\$ 10,40/bushel para os atuais US\$ 11,40/bushel, mas essas valorizações na CBOT não foram repassadas ao Brasil por efeito de prêmios em baixa e real apreciado frente ao dólar.

Mercado no longo prazo

Na entressafra de 2026, principalmente a partir do segundo semestre, a tendência é de valorização dos preços da soja no Brasil, na expectativa de que os prêmios se fortaleçam, o câmbio volte a se desvalorizar e operar no patamar prévio de R\$ 5,50 e os preços de Chicago continuem num nível mais elevado, acima dos US\$ 11/bushel. Os estoques finais globais estimados em 124,4 milhões de toneladas para a temporada 2025/26 ainda configuram uma relação estoque/consumo de 29,6%, valor ligeiramente inferior ao das últimas duas safras, o que sugere que o mercado da oleaginosa já passou pelo pico de oferta dos últimos anos e agora não deve mais sofrer com baixas significativas em Chicago, por conta de um balanço de oferta e demanda mais equilibrado.

3. Soja

Projeções

Projeções de preço médio mensal da soja no porto de Paranaguá/PR em 3 cenários de mercado (R\$/saca)



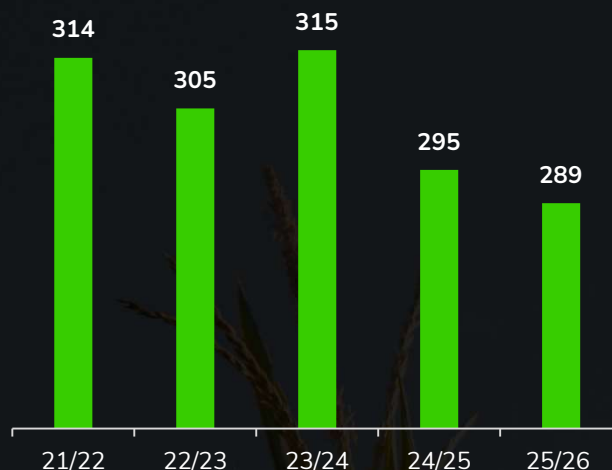
data	Alta	Base	Baixa
mar/26	157	139	122
abr/26	160	135	110
mai/26	165	135	105
jun/26	171	137	105
jul/26	183	148	115
ago/26	185	149	116
set/26	184	148	115
out/26	181	146	112
nov/26	179	143	109
dez/26	174	138	104
jan/27	176	140	106
fev/27	176	139	105

4. Milho

Preço do milho em São Paulo
(R\$/saca)



Estoques finais de milho no mundo
(milhões de toneladas)



Mercado no curto prazo

No curto prazo, o preço interno do milho tende a ser beneficiado pelo aumento do risco climático na safra brasileira e pelo período de entressafra. Com Chicago em níveis mais baixos desde a revisão de janeiro do USDA para elevação dos estoques finais de milho no mundo, a situação climática da safra brasileira é o principal vetor que pode trazer alta à cotação interna. Hoje, o plantio se encontra atrasado – em 21/02, 46,7% das áreas haviam sido plantadas, contra uma média histórica de 53,2% para o mesmo período – e as chuvas podem ser escassas em parte do Centro-Oeste a partir de abril, o que eleva o risco climático. Além disso, o atual conflito no Irã pode representar risco às exportações brasileiras do grão, já que o país responde por cerca de 23% das exportações brasileiras de milho.

Mercado no longo prazo

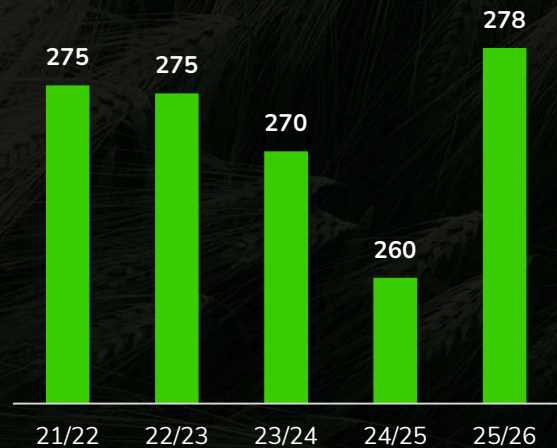
No segundo semestre, os preços internos devem ter alta, sustentados por um câmbio mais depreciado (dólar ao redor de R\$ 5,50/US\$), recuperação dos prêmios do milho no Brasil e por cotações mais altas em Chicago, com um preço entre US\$ 4,50-4,66/bushel (acima dos US\$ 4,30/bushel atuais), mas o desempenho da safra brasileira seguirá sendo um vetor importante. Os preços futuros mais altos em Chicago são ancorados pela tendência de redução de 7,4% na produção de milho dos Estados Unidos na comparação com 2025, em função da menor rentabilidade projetada do milho frente à soja do produtor americano, o que tende a reduzir o estoques globais no próximo ciclo 2026/27.

5. Trigo

Preço do trigo no Paraná
(R\$/tonelada)



Estoques finais de trigo no mundo (milhões de toneladas)



Mercado no curto prazo

O viés para os preços do trigo no Brasil é de relativa estabilidade na entressafra, com chances apenas pontuais de altas do grão até maio, em função da oferta que ainda segue bastante confortável após a última safra colhida no Sul (produção de 8 milhões de toneladas), oferta externa abundante diante de safra recorde de 27 mmt na Argentina e câmbio mais valorizado operando próximo de R\$ 5,18/US\$ recentemente. Os únicos fatores que poderiam viabilizar altas do trigo nos próximos três meses seriam a sazonalidade histórica (pico de entressafra no Brasil) e as recentes altas do grão na bolsa de Chicago por conta de retorno de risco da safra americana de trigo e execução das exportações no Mar Negro (conflito Rússia x Ucrânia).

Mercado no longo prazo

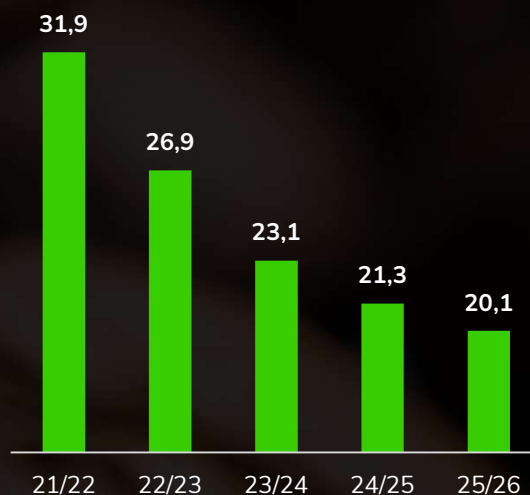
Para o segundo semestre de 2026, o cenário segue de preços “travados”, com baixa probabilidade de valorização relevante: o mercado tende a operar com teto limitado pela oferta global confortável (estoques finais mundiais ainda elevados no ciclo 25/26) e pela concorrência do trigo argentino, que mantém a paridade de importação pressionando as cotações domésticas. Mesmo que a colheita brasileira já tenha passado, a disponibilidade externa (Argentina em safra recorde e grande excedente exportável) reduz a chance de repiques sustentados no Brasil durante a entressafra e ao longo do 2º semestre. Chances de alta aparecem mais no 3º trimestre e seria condicionado a um recuo mais forte de área/plantio no Brasil e/ou a uma virada do câmbio para patamares mais depreciados, permitindo alguma reação, mas ainda dentro de um ambiente internacional que tende a amortecer altas mais longas.

6. Café

Preço dos cafés arábica (MG) e robusta/conilon (ES) (R\$/saca)



Estoques finais de cafés no mundo (milhões de sacas)



Mercado no curto prazo

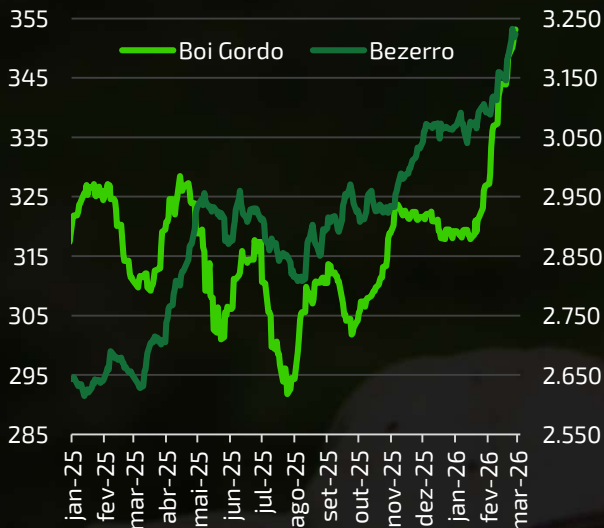
A tendência é de acomodação/queda de preços, refletindo principalmente a melhora recente do clima nas regiões produtoras do Brasil, que reforça a leitura de menor risco produtivo tanto para a colheita atual quanto para o próximo ciclo e reduz o “prêmio de clima” embutido nas cotações. Com chuvas favorecendo etapas críticas do desenvolvimento (enchimento/granação) e elevando o otimismo com a safra adiante, de 66,2 milhões de sacas, inclusive com discussões de uma produção brasileira muito forte no ciclo 2026/27, o mercado passou a precificar mais oferta e menos escassez no horizonte imediato. Ainda assim, a queda não elimina a sensibilidade do mercado, porque os estoques globais continuam baixos após anos de balanço apertado; isso limita o tamanho da correção e mantém o mercado vulnerável a qualquer ruído climático ou logístico.

Mercado no longo prazo

No longo prazo, o viés é de baixa, à medida que o ciclo tende a migrar do aperto observado desde 2021 para uma normalização de oferta e início de recomposição de estoques a partir de 2026. Esse cenário ganha força porque há expectativa de maior disponibilidade de robusta com recuperação do Vietnã (projeções de produção mais alta e exportações maiores) e, do lado brasileiro, melhora do potencial produtivo no ciclo seguinte com clima mais favorável e isso reduz o risco de déficit recorrente. Mesmo com a perspectiva de produção global recorde em 2026, os estoques finais ainda aparecem em patamar muito baixo (mínima em torno de 20,1 milhões de sacas), o que sugere que a “normalização” pode ser gradual; porém, se Vietnã vier bem e o Brasil consolidar boa granação/enchimento, a pressão baixista pode se intensificar e aparecer mais cedo na curva (inclusive já no segundo trimestre de 2026).

7. Boi gordo

Preço do boi gordo (R\$/@ em SP) e do bezerro (R\$/unidade em MS)



Abate total (milhões de bovinos) e taxa de abate de vacas (%) no Brasil



Mercado no curto prazo

No curto prazo, o viés é de estabilidade e até leve recuo nas cotações do boi gordo, após a alta recente que foi amplificada pela corrida exportadora gerada pelas salvaguardas/cotas da China (importadores antecipando compras e elevando preços de exportação). A partir daqui, a tendência é que esse impulso seja compensado por maior oferta de abate até maio, período em que a sazonalidade costuma pressionar o mercado físico com maior presença de animais de pasto e ajustes de escala, reduzindo o poder de barganha do pecuarista no curto prazo. Já na reposição, o bezerro pode manter firmeza/valorização na virada de ciclo, pois o movimento de retenção de matrizes já iniciado no último ano tende a reduzir gradualmente a disponibilidade de animais, sustentando as valorizações de preços na atividade de cria.

Mercado no longo prazo

No longo prazo, o viés é de alta gradual do boi gordo e do bezerro no segundo semestre de 2026, compatível com o encerramento do ciclo de baixa e a transição para uma fase de menor abate de fêmeas/maior retenção, após anos de descarte elevado, que elevou abate total e taxa de abate de fêmeas. Esse ajuste estrutural tende a reduzir a oferta de gado terminado mais adiante e a sustentar a reposição (bezerro), exatamente o padrão típico de início de ciclo altista. Contudo, a salvaguarda chinesa (cotas anuais e sobretaxa relevante para volumes acima do limite) pode diminuir o ímpeto exportador e, portanto, limitar o potencial de alta do boi no 2º semestre, ao criar risco de redirecionamento de volumes ao mercado doméstico e reduzir a capacidade de a exportação “puxar” preços na entressafra.

7. Boi gordo

Projeções

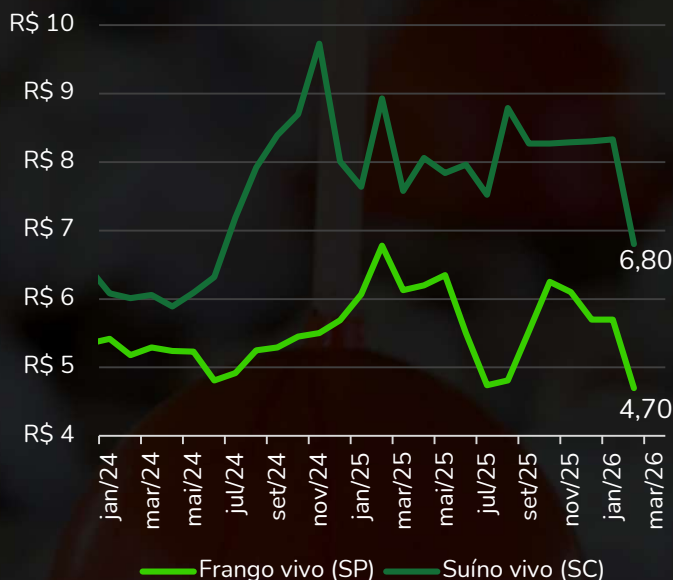
Projeções de preço médio mensal do boi gordo em São Paulo – Indicador ESALQ (R\$/arroba)



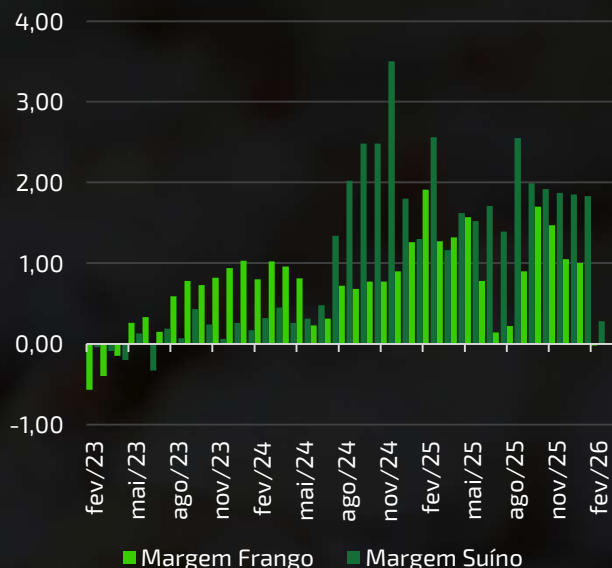
data	Alta	Base	Baixa
mar/26	367	350	332
abr/26	373	348	324
mai/26	372	342	311
jun/26	380	340	304
jul/26	381	340	304
ago/26	389	348	311
set/26	388	346	310
out/26	396	353	316
nov/26	406	362	324
dez/26	399	356	318
jan/27	395	353	315
fev/27	392	350	313

8. Suíno e Frango

Preço do frango (SP) e do suíno (SC)
(R\$/kg de peso vivo)



Margem de lucro da criação de suínos
e frangos (R\$/kg de peso vivo)



Mercado de suínos

Tendência de margens ainda positivas, mas com alerta de pressão de preço no curto prazo pelo consumo. O setor se beneficia de um ambiente exportador muito firme (embarques e receita recordes em janeiro/2026), o que ajuda a sustentar a demanda. Por outro lado, no mercado doméstico o início do ano trouxe pressão nas cotações e queda no valor da carne suína, sinalizando que a competitividade no varejo e o poder de compra do consumidor podem limitar repasses e gerar correções de preço quando a oferta supera a demanda. Em custos, a ração continua determinante: milho e farelo respondem por grande parte do custo e, apesar de momentos de alívio, a volatilidade do milho volta e meia reacende o sinal de atenção, reforçando que o cenário base é bom, mas exige gestão de risco na aquisição da ração e fechamento dos custos.

Mercado de frangos

Perspectiva de recuperação gradual de preços/margens, com volatilidade sanitária como principal risco. Após o foco de IAAP em granja comercial e as suspensões de compra, o mercado interno sentiu pressão baixista (queda do frango vivo e piora da relação de troca), mas o quadro vem se revertendo com a reabertura dos destinos e a normalização do fluxo exportador. A China voltou a importar em nov/2025, a UE também retomou, e isso reduz o risco de excedente doméstico, devolvendo sustentação às cotações e às margens ao longo de 2026. No pano de fundo, a demanda externa segue forte: o Brasil fechou 2025 com exportações recordes e começou 2026 com recorde em janeiro, reforçando um cenário estruturalmente positivo para a proteína, desde que não haja novo ruído sanitário relevante.



DISCLAIMER: Esse documento foi produzido pela Gerência de Análise Econômica do Banco Cooperativo Sicredi S.A. e tem por objetivo fornecer informações de indicadores econômicos. Ressaltamos, no entanto, que as análises bem como as projeções contidas refletem a percepção da Gerência de Análise Econômica no momento em que o texto é produzido, podendo ser alteradas posteriormente. O Banco Cooperativo Sicredi S.A. não se responsabiliza por atos/decisões tomadas com base nos dados divulgados nesse relatório.